MONTALEGRE
(Chã)

Chã é uma freguesia do concelho de Montalegre, distrito de Vila Real. A igreja de São Vicente dista cerca de 6 km da sede de concelho. Sair de Montalegre pela avenida Nuno Álvares Pereira e rua Corujeira. Na rotunda tomar a estrada M509-1 e seguir durante cerca de 3,6 km. Virar à direita para a rua das Almas e 250 m à frente virar para a rua de Baixo onde se localiza a igreja de São Vicente.

O enquadramento da igreja de São Vicente é rural e isolado, rodeada de campos de cultivo e algumas habitações que enformam um pequeníssimo povoado muito isolado.

A freguesia de Chã localiza-se nas margens da barragem de Pisões. É atravessada por antiga via romana onde foi erguida a ponte romana de Peirezes. Está integrada na antiga Terra de Barroso, região montanhosa que abarca cinco serras: Larouco, Gerês, Cabreira, Alturas e Leiranco. A sua ocupação humana remonta a épocas pré-históricas. Em 1145, já existia o arcediagado de Barroso.

São Vicente de Chã esteve na posse dos Templários, provavelmente até 1291 ou até mais tarde. Em 1291, D. Dinis doava, por escambo ao mosteiro de Pombeiro, a freguesia de São Vicente de Chã. Quando se processou a transferência dos bens Templários para a recém-criada Ordem de Cristo, cerca de 1319, D. Dinis excetuou São Vicente de Chã que, nessa data, foi anexada com a sua comenda ao convento de Santa Clara de Vila do Conde. A referida comenda era constituída pelas freguesias de Chã, de Morgade e de Negrões.

Igreja de São Vicente

EXISTE MUITO POUCA INFORMAÇÃO HISTÓRICA sobre as origens deste templo. A igreja de São Vicente de Chã terá sido primitivamente edificada numa cronologia avançada da época românica, talvez durante o século XIII ou inícios do século XIV.

Em 1320, segundo o Catálogo das igrejas, comendas e mosteiros do reino ordenado por D. Dinis com vista ao financiamento da Cruzada, a igreja de São Vicente pertencia às igrejas da Terra de Barroso. Nessa lista é assinalado que a igreja de São Vicente não fora taxada por estar anexa ao mosteiro de Vila do Conde, o qual, por sua vez, fora taxado em 1 500 libras.

Segundo as Memórias Paroquiais de 1758, o orago da igreja era São Vicente, o templo tinha quatro altares e não tinha naves. O pároco era da apresentação das religiosas do convento de Santa Clara de Vila do Conde.

A igreja de São Vicente de Chã, profundamente transformada durante a época moderna, conserva da época românica, o trecho mais ocidental da nave única. De um modo geral, o estudo da arquitetura da época românica tem-nos revelado que há várias tendências na seleção dos elementos a preservar quando em transformações posteriores, geralmente realizadas durante a época moderna. Se nuns casos identificamos substituição de cabeceiras, noutros vemos a sua preservação e construção de uma nova nave. No caso de São Vicente de Chã conservou-se parte desta última, substituiu-se a cabeceira por uma outra, ampla e retangular, e acrescentou-se-lhe a sul um corpo que, ocupando apenas dois terços do comprimento da igreja, acaba por cumprir a função de nave lateral no acolhimento dos fiéis e de estruturas retabulares. Esta configuração planimétrica torna a igreja em estudo bastante original. A norte, comunicando com a capela-mor, adossa-se a sacristia, formada por dois espaços internos.

Uma leitura atenta dos alçados exteriores confirma que, apesar de ter sido toda edificada em granito, configurando fiadas pseudo-isódomas, a esquadria e o tratamento dos silhares acusam diferenças, permitindo confirmar qual o trecho correspondente ao período românico e quais os que resultam das ampliações e reconstruções encetadas durante a época moderna. Este último apresenta-se mais fino no acabamento dos silhares e menos marcado pela passagem do tempo. Contudo, não nos podemos esquecer de que seguramente se aproveitaram silhares da estrutura



Perspetiva geral da igreja a partir de sudoeste



Portal no alçado oeste



Alçado norte da nave

primitiva, tal como era comum neste tipo de intervenções mais recentes.

A igreja é coberta com telhado de duas águas, na cabeceira e na nave, havendo uma continuidade da cobertura sobre o corpo lateral sul que é, por isso, bastante mais baixo. A sacristia, mais baixa que a cabeceira, apresenta telhado de uma só água.

No alçado sul da nave rasga-se uma estreita fresta sobre lacrimal que, conjuntamente com as três mísulas que persistem sustentava uma estrutura alpendrada para abrigo do portal. Este, talvez transformado no momento da construção do corpo a sul da igreja, apresenta verga reta e não tem qualquer elemento decorativo. Um conjunto de sete cachorros sustenta uma cornija de ressalto que não é muito profunda. A sua ornamentação é semelhante à das mísulas, criando ressaltos escalonados e afirmando uma simplificação através do ornamento geométrico.

No alçado norte da nave identifica-se uma cicatriz no paramento que corresponde à mudança de linguagem ao nível da configuração da cornija, o que confirma o prolongamento da nave da igreja para este, tendo-se rasgado um janelão para a iluminar a partir do norte. Também no trecho inicial, correspondente à primitiva fábrica românica, encontramos um conjunto de cachorros semelhantes aos do lado sul. Diferencia-se aquele que se posiciona mais a oeste e que resulta do reaproveitamento de um capitel vegetalista com seu colarinho e outro, mais próximo a este, onde se percebe a presença de um focinho de animal, talhado ao gosto do românico. No adro da igreja, diante do alçado norte, vemos uma cruz terminal, cega, da época românica. Sobre um círculo, vemos relevada uma cruz patada.

A fachada oeste, apesar de ter sido truncada na empena durante a transformação da época moderna, que a coroou com cruz sobre base barroquizante ladeada por quatro pináculos, conserva ainda o portal da época românica. Inscrito na espessura do muro, o portal é formado por três arquivoltas, em arco de volta perfeita, assentes diretamente sobre pés direitos, pelo que estamos diante de uma obra românica já mais avançada e mais próxima do gótico rural, fazendo-nos questionar se os vestígios remanescentes não serão antes datáveis de finais do século XIII, inícios do século XIV. Também o facto deste portal não ostentar tímpano vai ao encontro desta hipótese. Se a arquivolta interior apresenta aduelas lisas, com aresta viva, já as restantes mostram motivos relevados. Na central, as palmetas simplificadas conjugam-se com um toro diédrico. Na envolvente, vemos o motivo dos ziguezagues ou de pares de losangos escavados nas duas faces das aduelas, que se mostram facetadas. As impostas são de ressalto. Apesar de



Alçado norte da nave. Cachorros

tardio, devemos acentuar o cuidado posto na ornamentação do conjunto.

A meia altura da fachada corre lacrimal e vemos dois elementos a cumprir a função de mísulas para sustentação de estrutura alpendrada, hoje desaparecida. No lado norte foi reaproveitado um capitel vegetalista, semelhante ao cachorro do lado norte e o do lado sul parece ter um cordeiro relevado, num desenho muito simplificado. Um óculo, entre o lacrimal e a empena, ao centro da fachada, completa o conjunto.

A pia batismal está no exterior da igreja, junto ao portal oeste, no lado norte. A sua taça parece ser da época românica.

Em corpo isolado, diante da fachada principal, e dando continuidade ao muro que abriga o adro da igreja a partir de norte, vemos a torre sineira. Trata-se de um robusto corpo de cantaria, edificado dentro do gosto do românico, ao qual se acede por escadaria transversal, também de cantaria. O remate superior resulta de transformações realizadas durante a época moderna, talvez coevas da obra da igreja.

O interior da igreja, profundamente transformado, não mostra vestígios da época românica. A policromia dos tetos de madeira, os retábulos em talha dourada, os lambris de azulejos, o marmoreado do púlpito e do coro alto, falam-nos já de uma nova liturgia, mas também de um outro gosto, o neoclássico.

Muito embora haja referências relativas à freguesia de São Vicente de Chã que remontam a meados do século XII, o mais provável é que os vestígios românicos da igreja de São Vicente da Chã que ainda persistem sejam datáveis do século XIII. Atendendo ao acentuado sabor rural da igreja, bem como à configuração do seu portal oeste, é possível que esta tenha sido edificada numa cronologia mais recente, mantendo-se a sua fábrica presa a técnicas mais vernaculares, que se prolongaram num tempo longo. As obras que alteraram esta igreja terão sido realizadas no início do século XIX conforme notícia publicada em 1862 no "Archivo Pittoresco" que considerou terem feito desta "egreja uma das melhores e mais aceiadas do arciprestado de Montalegre". Em 1910 foi classificada como Monumento Nacional.

Texto: MLB/JL - Fotos: SVS/MLB

Bibliografia

BOISSELLIER, S., 2012, p. 159; DIAS, M., 2002, p. 108; COSTA, J.G., 1987, pp. 17-18, 69, 132-134 e 145-146; GEPB, 1935-60, VI, p. 560; MEM. PAROQ. 1758 (2006), pp. 313-316; PATRIMÓNIO CULTURAL; RAMOS, M.F., 2021, pp. 365-403; ROSAS, L.M.C., 1995, II, pp. 451-452; SIPA.